

Prática psicanalítica, tecnologia e hipermodernidade*

Clarice Kowacs**, Porto Alegre

A autora aborda questões da hipermodernidade, com ênfase no impacto das novas tecnologias na vida psíquica e de relação do indivíduo e na irreversível repercussão dessas mudanças na prática psicanalítica. Traz também informações acerca das teleterapias e teleanálises, modalidades de atendimento virtual que estão em rápida expansão, diretamente relacionadas com a globalização e o neomadismo do indivíduo hipermoderno. Por fim, discute a necessidade de adaptação aos novos tempos por parte da psicanálise e o grande desafio envolvido nesta tarefa, por ser o Zeitgeist atual pouco sintônico com a proposta de reflexão lenta, profunda – e, com frequência, dolorosa – que a prática psicanalítica oferece.

Palavras-chave: hipermodernidade, prática psicanalítica, tecnologia, novas tecnologias, teleterapias, teleanálise, setting, internet.

* Este texto é uma versão modificada e ampliada do trabalho apresentado na 5ª Científica da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) em 03 de abril de 2014.

** Psiquiatra, membro graduado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Gabriel García Marquez (1967), no início de seu livro *Cem anos de solidão*, escreve: “O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo” (p.7). A proposta deste artigo é apontar, neste velho mundo novo, fatos e fenômenos ainda sem nome e estimular quem o leia a enfrentar o desconforto inerente ao que Agambem (2008) refere como o deslocamento e anacronismo do contemporâneo.

Lipovetsky (2004) denomina de hipermodernidade o momento atual, caracterizado pelo retorno à modernidade e pela exacerbação de suas características essenciais: o individualismo, o consumismo, a escalada técnico-científica, todas elevadas a potência hiper. Nela, é criado um paradoxo entre a cultura do excesso e o elogio à moderação, entre a autonomia consequente à perda de regras e referências e o sentimento de vazio e insatisfação crônica. O tempo é sempre insuficiente para que se possa aproveitar a incessante oferta de bens, informações e atividades. Tavoillot (2009), no entanto, ressalta o reinvestimento afetivo em alguns sentimentos e valores tradicionais como o gosto pela sociabilidade, o voluntariado, a indignação moral e a valorização do amor.

A vida privada e de relação dos indivíduos é cada vez mais permeada pela tecnologia, e a computação ubíqua ou pervasiva (Weiser, 1991) provavelmente será realidade na vida cotidiana do futuro. As novas tecnologias e seus frutos, como a Internet, alimentam a hipermodernidade e são por ela alimentadas, criando um cenário mutante e interativo onde se insere o ser humano, objeto último da psicanálise. Esta, ao priorizar a reflexão, paciência, ausência de julgamento, acolhimento da ambiguidade e do não saber, destoa do *Zeitgeist* no qual predominam a multitarefa, a velocidade, a certeza, o foco no presente e a atualização constante.

A psicanálise tem o desafio de adaptar-se aos novos tempos sem fossilizar-se ou deformar-se. O que diferencia este dos muitos percalços que a psicanálise enfrentou ao longo de sua existência é a rapidez com que novas variáveis surgem, exigindo da comunidade psicanalítica uma flexibilidade, velocidade e esforço inusitados na absorção e metabolização das informações.

Alguns números e seu impacto

Apenas há 25 anos a internet começou a ser utilizada fora do meio militar e científico. Atualmente – final de 2014 – o Brasil possui 105 milhões de internautas, o que o torna o quinto país mais conectado do mundo. A previsão é

de que, neste mesmo período, 40% da população mundial de 7.2 bilhões esteja navegando na rede (ITU, 2014).

O impacto em todos os níveis – econômico, social, cultural, científico, familiar, pessoal – é gigantesco, não apenas por ser a web um poderosíssimo meio de comunicação, mas também por ser agente de mudanças em todas as instâncias, do global ao intrapsíquico. Grupos organizam-se através das redes sociais, mobilizando-se instantaneamente. Informações são repassadas para multidões, quase em tempo real, em textos, imagens e sons que ignoram barreiras temporais ou geográficas. As grandes repercussões sociais, políticas e econômicas decorrentes desses eventos podem ser observadas simultaneamente pelo mundo.

As novas tecnologias desempenham um papel fundamental como catalisadoras e facilitadoras das relações humanas e da evolução da ciência; promovem o acesso democrático às informações e ao ensino à distância, contribuindo com mudanças sociais, na difusão das artes e no combate à injustiça e corrupção. Por outro lado, também são utilizadas para a promoção de *cyberbullying*, manifestações de racismo e formação de agrupamentos que validam e estimulam técnicas suicidas, transtornos alimentares, pedofilia e outras patologias.

O processo de digitalização, segundo Pierre Levy (1995), é a apresentação atual de um antigo movimento de virtualização, iniciado por técnicas – em sua época, revolucionárias – como a escrita individual, a tipografia, a gravação de som e imagem, o rádio, a televisão e o telefone. Há meio século, MacLuhan (1964) afirmava que os meios eram muito mais do que meros canais de informação, por não apenas veicularem um conteúdo do pensamento, mas também moldarem o processo de formação deste.

A plasticidade cerebral extensiva e perpétua permite ao homem adaptar-se a situações cambiantes, aprender novos fatos e desenvolver novas habilidades (Hallet, 2005); estudos utilizando ressonância magnética comprovam mudanças no funcionamento do córtex pré-frontal de adultos após exposição à internet por uma hora diária durante apenas cinco dias consecutivos (Small & Vorgan, 2008). Assim, é preciso considerar o impacto da virtualidade não apenas na forma de se comunicar do indivíduo, mas no próprio indivíduo, em seu pensamento e modos de agir e relacionar-se. A ideia remete à causalidade recursiva de que fala Morin (1990) segundo a qual os efeitos e os produtos são necessários nos processos que os geram: o produto é o próprio produtor daquilo que produz.

Carr (2011), com base na observação empírica e em pesquisas científicas, afirma que a mente linear do passado vem sendo substituída pela mente

fragmentada, que absorve e distribui informação rapidamente, em curtos e desconectados espaços de tempo, com frequência sobrepostos.

A simultaneidade de tarefas – *multitasking* – é uma característica das crianças, adolescentes e adultos jovens afeitos à tecnologia. Também o é o acesso à informação, embora isto não implique necessariamente em obtenção de conhecimento: no net *surfing*, a mente desliza na superfície das sucessivas informações que brotam de cada nova janela que se abre na tela digital.

A instantaneidade da comunicação favorece o entrecruzamento de respostas imediatas, sem reflexão, e estimula uma forma de relação objetal na qual o indivíduo espera do outro a satisfação imediata de suas necessidades narcisistas. Na rede, praticamente não existe um período de latência entre o desejo e a realização deste. Comparativamente, a vida real pode parecer difícil, tediosa ou frustrante.

Guignard (2014) afirma que o desenvolvimento psíquico vem sendo modificado pela cultura. Aponta o crescente esbatimento e eliminação do período de latência da sexualidade infantil que tem observado em seus pacientes nos últimos quinze anos. E responsabiliza pela mudança a ausência de frustração e a estimulação excessiva à qual as crianças são submetidas, relacionando esses fatos com a revolução digital, as novas configurações familiares e a ausência dos pais. A consequência é que a excitação da fase edípica e a da adolescência acabam por formar um *continuum* com graves prejuízos ao desenvolvimento da capacidade de pensar. Assim, a cultura parece favorecer o aumento de diagnósticos de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDHA), as patologias do vazio e transtornos de personalidade do tipo *borderline*. Surgem novos quadros clínicos: o uso excessivo dos dispositivos eletrônicos com iluminação do tipo LED (*light emitting diode*) altera a produção de melatonina e, conseqüentemente, o ritmo circadiano ocasionando distúrbios de sono. A exaustão decorrente da privação crônica de sono reparador pode simular transtornos de déficit de atenção em crianças, adolescentes e até mesmo em adultos (Thakkar, 2013).

Nos EUA, 38% das crianças de dois anos já manipularam *tablets* ou *smartphones* e 75% das com menos de oito anos têm acesso regular a eles (Nanji, 2013). Em nosso meio, pode-se observar informalmente que, mesmo antes de aprenderem a falar, muitas crianças demonstram familiaridade com os *gadgets* eletrônicos. Um número crescente de crianças e adolescentes obtém na rede informações que antes buscavam junto aos pais e professores. Fonagy (2011) adverte que o mecanismo de transmissão de informação através da comunicação humana, central na evolução da espécie, está sendo modificado pela tecnologia da informação. Para ele, esta oferece a seus usuários um sedutor simulacro de

postura pedagógica, com atenção individual e personalizada, baseada no reconhecimento do indivíduo através das informações recolhidas na rede e processadas por supercomputadores.

Para Kristeva (2001), o indivíduo contemporâneo não dispõe nem de tempo, nem do espaço necessários para constituir uma alma. Já Turkle (2011) afirma que o *self* de hoje é uma espécie de *cyberself* que habita dois mundos, o real e o virtual, muitas vezes ignorando limites ou diferenças entre eles. Sua ideia passa a fazer sentido ao observarmos participantes das atividades como *Cosplay* e usuários de jogos em ambientes virtuais imersíveis em 3D como *The Sims*, *Second Life*, *World of Warcraft*. Essas possibilidades da cultura contemporânea, incluindo o uso de avatares, parecem favorecer a fragmentação da identidade.

Avatar é uma expressão usada na religião hinduísta para a forma corporificada de um ser divino; passou a ser utilizada para definir a representação virtual de um pseudo *self*. Feito um deus onipotente, nele o indivíduo se recria, tendo o sexo, a raça, a aparência, a idade e as qualidades que desejar. Poderá manter-se humano ou transmutar-se em androide, ser um animal ou personagem de mangá. Pode multiplicar-se em avatares diferentes e habitar mundos distintos. Pode morrer e renascer. Ser eterno. As escolhas relativas aos avatares são repletas de significados, uma preciosa via de acesso ao mundo interno de quem busca ajuda psicanalítica. Para algumas pessoas, os avatares poderão ter um uso temporário e facilitador; para outras talvez nunca deixem de ser instrumentos de fuga do mundo real e dos conflitos intrapsíquicos.

Para Turkle (2011), a arte da interação humana está sendo perdida: as pessoas tratam as outras como se fossem máquinas e as máquinas são tratadas como seres vivos. Existe uma tendência ao surgimento de uma ilusão de relação com a máquina, como se essa possuísse uma característica amigável e familiar. De fato, os *tablets* e *smartphones* tornaram-se objetos pessoais, recebendo enfeites e traços humanos ou de animais, como olhos e orelhas. Além de mediar a comunicação por voz e internet, guardam números de telefone – que ninguém memoriza mais –, despertam e lembram compromissos, armazenam fotos, documentos, fazem cálculos, convertem moedas, identificam músicas, mostram como chegar a este ou àquele lugar – enfim, além da expansão da memória proporcionam superpoderes cognitivos a seus proprietários.

A perda destas próteses extracorpóreas devolve-nos à limitação da condição humana, à imperfeição de nossos recursos, ao esvaziamento da onipotência. A ideia da máquina como ser vivo está implícita em palavras como *vírus*, *bugs*, *smart* (White, 2006) e não é incomum que pessoas falem de si usando expressões como “me deu um *tilt*”, “deletei aquele assunto”. Também as tecnologias e seu

uso estão ligadas ao *Unheimlich* (Freud, 1919) por envolver um objeto que se situa entre a matéria viva e a inanimada, motivo de estranhamento e temores paranoides, que há muito encontram expressão na literatura e cinema, sendo o computador HAL (Kubrick, 1968) um exemplo clássico.

Na literatura psicanalítica recente, Stadter (2013) utiliza a expressão *e-third* (terceiro-eletrônico) para designar os objetos tecnológicos que, segundo ele, afetam profundamente a subjetividade do indivíduo. Acredita que possam funcionar como objetos transicionais (Winnicott, 1953), facilitadores de conexão interpessoal e potencializadores narcísicos, entre outros. Além de percebidos como extensões do *self*, esses objetos podem tornar-se simulacros – *extrapsíquicos* e *portáteis* – dos refúgios psíquicos descritos por Steiner (1993) e também objetos de dependência e adição.

Os *gadgets* expandem os limites do corpo original e reforçam a fantasia de que é possível redesenhá-lo. A corporalidade e o caráter animal do corpo desaparecem no *cyberspace*, e o indivíduo transforma-se em um ser virtual, sem vísceras, secreções ou odores, que, com um *click*, faz desaparecer o que frustra ou surgir o que gratifica; o leite virtual jorra no instante em que é desejado.

Impacto da internet na prática psicanalítica

As novas tecnologias e seus desdobramentos invadem a vida de pacientes e analistas com considerável impacto nos tratamentos. A possibilidade de comunicação constante, a localização imediata do terapeuta e a satisfação instantânea da curiosidade via internet alimentam as fantasias onipotentes de controle, de poder contornar tempo e espaço, eludindo o princípio da realidade. Os sentimentos de exclusão e abandono desaparecem temporariamente através da invasão virtual da vida do terapeuta (Kowacs, 2010). A transferência e a contratransferência encontram nas novas tecnologias poderosos instrumentos para expressar-se. As velhas resistências se vestem com trajes hipermodernos que podem confundir os analistas ainda não habituados a eles.

Um fenômeno recente é o das teleterapias e teleanálises e a formação de terapeutas e analistas à distância, incluindo ensino, supervisão e mesmo análise didática. As novas tecnologias têm contribuído para a continuidade e desenvolvimento da psicanálise, possibilitando a formação de analistas em países onde há alguns anos esses não existiam, como Cazaquistão, China, Rússia, Japão e Panamá (Sharff, 2013; Kudiyarova, 2013). Scharff (2013) defende que os pacientes do século XXI necessitam de terapeutas e psicanalistas que se adaptem

a suas modificações pessoais e sociais, absorvendo as novas formas de comunicação e modificando sua forma de trabalhar.

A ideia é que se possa conciliar o método psicanalítico com o neomadismo da hipermodernidade: circular pelo planeta globalizado, em busca de lazer, profissionalização, trabalho e relações amorosas, observáveis nos pacientes e também em seus analistas. Giovannetti (2012) traz o tema da inviabilidade do *setting* clássico para o tipo de paciente que está sempre em trânsito e com tempo escasso, especialmente no contexto da megalópole. Ele advoga a utilização de um *setting* flutuante, estabelecido desde o início da análise através de um contrato que considere essas variáveis.

Os problemas que envolvem o deslocamento dos pacientes, dificuldades com estacionamento, engarrafamentos, acidentes e greves, além de atrasos nos aeroportos e voos fazem parte de uma realidade externa que não pode ser negada e simplesmente interpretada como resistência. O tempo despendido pelo paciente entre o deslocamento ao consultório do analista, a sessão e o retorno à sua casa ou trabalho pode somar algumas horas, o que praticamente inviabiliza a prática de análises *standard*. Cada vez mais os pacientes escolhem o analista não somente por sua competência e credibilidade, mas também pela localização de seu consultório.

Outra mudança irreversível diz respeito à perda definitiva do anonimato, considerada por Gabbard (2012) a modificação mais perturbadora para os analistas na atualidade. Antes mesmo da primeira consulta, os pacientes já sabem muito da vida do futuro analista, mesmo que ele não faça parte das redes sociais. Não há para onde fugir; “[...] agora todos deixamos *digital fingerprints*” (Sfoggia *et al.* 2014, p. 5). A exposição na rede – involuntária ou voluntária – tem consequências com as quais os analistas precisarão aprender a lidar no dia-a-dia do consultório.

A escolha do profissional deixa de ser a aceitação passiva de um encaminhamento e passa a ser uma escolha ativa do paciente a partir de dados obtidos por ele na web, onde terá acesso ao currículo, áreas de interesse, *hobbies*, endereço e aparência de seu futuro analista e seus familiares.

Os pacientes de Freud escreviam-lhe cartas; os de hoje usam SMS e *WhatsApp* para comunicar faltas, atrasos e pedir mudanças de horário; a secretária eletrônica, cujo uso foi polêmico na época de sua introdução, está em acelerado processo de obsolescência. Relatos de sonhos chegam ao terapeuta por e-mail e solicitações de amizade via *Facebook*. Os celulares dos pacientes tocam em plena sessão; fotos e mensagens são mostradas nos *tablets* e telefones.

A cada momento desafios são criados pelas novas tecnologias: quando a interação por meios eletrônicos com o paciente é aceitável, como ficam o

anonimato e neutralidade, se o analista ou seus familiares têm *Facebook*? Qual o impacto, na relação com o paciente, do acesso à vida pessoal do terapeuta, com a descoberta de fatos nem sempre banais e, por vezes, embaraçosos? Em que circunstâncias os analistas podem sentir-se autorizados a buscar informações sobre seus pacientes ou familiares deste na rede? (Sfoggia *et al.*, 2014).

Outro aspecto importante é o número crescente de tratamentos feitos de forma virtual, via *Skype* ou *FaceTime*, especialmente nos Estados Unidos, onde são regulamentados em mais de um terço dos estados americanos (Martin, 2013). No Brasil, o Conselho Federal de Medicina veta os atendimentos virtuais como substitutos dos presenciais e o Conselho Federal de Psicologia os permite apenas em caráter experimental. Isso não impede que haja uma abundante oferta de todos os tipos de tratamento na web, a maioria de credibilidade duvidosa e alto potencial iatrogênico. Há diversos tipos de atendimentos psicoterápicos à distância: por telefone, videoconferência, chat, e-mail e, até mesmo, através do uso de avatares, (Leff *et al.*, 2013).

De modo geral as teleterapias são indicadas para o paciente impedido de acessar presencialmente o tratamento por viver em áreas remotas, isoladas ou em culturas repressoras, ou pela impossibilidade de troca de terapeuta. Em determinadas patologias, como fobias graves, podem ser o tratamento de escolha quando há grandes dificuldades de locomoção do paciente ou terapeuta. Assim, podem ser atendidos pacientes que em outras épocas não teriam acesso ao tratamento. Surge, pois, uma nova perspectiva para os profissionais que precisam ausentar-se de seus consultórios por períodos prolongados por questões de saúde ou formação profissional.

No final dos anos 90, cerca de 300 mil pessoas deixaram a Argentina em função da grave crise econômica que assolava o país. (G1 Globo News, 2012). Inúmeras análises e psicoterapias continuaram sendo feitas, à distância, via telefone e *Skype*, por desejo de ambas as partes, já que os analistas também precisavam manter-se e às suas famílias, confirmando a verdade platônica de que a necessidade é a mãe de toda invenção.

Atualmente, colegas não familiarizados com o uso de computadores e internet constroem-se em função dessa limitação, o que mina sua curiosidade e impede a reflexão a respeito dos novos temas. Assim, os desenvolvimentos podem ser ignorados ou acusados de corromperem o *setting* (Lemma & Caparrotta, 2014) no recorrente pensamento apocalíptico segundo o qual “[...] cada um acha com facilidade as causas da degenerescência que lhe parece caracterizar adequadamente os defeitos de sua respectiva época” (Charles, 2004, p.13). Entende-se que, para o analista que foi analisado presencialmente em um consultório real, é difícil

imaginar e aceitar a possibilidade de uma análise que ocorra com o paciente em outro tipo de lugar ou mesmo em um não-lugar (Augé, 1992) – um quarto de hotel, por exemplo – em uma condição que Sand (2007) descreve como uma alucinação consensual. Assim sendo, para que se possa refletir sobre teleterapias e teleanálises, parece necessário recorrer à descrição daquilo que Freud (1932) considerava como sendo o pensamento científico, caracterizado pela investigação criteriosa, isenta de paixões e ideias preconcebidas.

Em nosso meio parece predominar a ideia contrária às teleterapias e teleanálises puramente virtuais, mas existe tolerância em relação a atendimentos virtuais temporários em que a avaliação criteriosa do paciente e o estabelecimento de aliança terapêutica tenham se dado presencialmente. Por receio da crítica e desaprovação dos pares e da instituição como um todo, os analistas que as praticam compartilham sua experiência de forma muito restrita. Talvez o que já se possa afirmar, em relação aos atendimentos virtuais, é que nem todos os pacientes têm indicação para serem atendidos deste modo e que nem todos os terapeutas e analistas possuem as características necessárias para realizá-lo.

Algumas questões técnicas envolvendo os atendimentos à distância

Teoricamente, considerando que, para o inconsciente, não existe tempo e espaço e que, se nesse *neo-setting*, há o desenvolvimento de transferência e resistência, associação livre, atenção flutuante, trabalho com o inconsciente e seus derivados, sexualidade infantil reprimida e análise de sonhos, há um trabalho que nele se desenvolve e que poderia ser chamado de atendimento psicanalítico (Dettbarn, 2013). Se pode ser chamado de análise é uma questão controversa e em aberto. Ainda não há uma posição oficial da IPA a respeito do assunto.

De todos os aspectos envolvidos, talvez o central para os analistas e terapeutas de orientação analítica diga respeito à ausência da proximidade física. Mesmo que o contato físico propriamente dito se restrinja ao breve aperto de mão que marca o início e o final das sessões, a mera possibilidade desse contato – e seus significados – é essencial para o estabelecimento do campo analítico como o entendemos hoje.

É pertinente o questionamento de Lisondo (2012) acerca de como ficam, nesse contexto, os conceitos contemporâneos do terceiro analítico e da intersubjetividade, fundamentados na relação terapêutica. Ela aponta grandes diferenças entre o atendimento virtual e o presencial, ressaltando que, na ausência do contato real entre analista e paciente, o acesso a estados mentais primitivos

fica impedido, especialmente em pacientes não neuróticos. De fato, a descorporificação do contato da dupla faz com que sejam perdidas percepções como as do cheiro, intensidade da respiração, características do aperto de mão, nuances na voz e outros aspectos que comunicam, de forma não verbal, fatos importantes. Outros autores, como Uecker (1997), acreditam que a internet favorece um afrouxamento dos mecanismos defensivos, possibilitando, para alguns pacientes, uma exposição até maior do que no contato presencial.

Assim como nos cegos a ausência de visão acaba por aguçar outros sentidos, talvez privada da presença real dos pacientes, uma parte dos analistas imigrantes digitais (Prensky, 2001) possa desenvolver uma forma de percepção que permita identificar, à distância, mudanças sutis nos estados mentais do paciente e no campo analítico. Isso compensaria – parcialmente – a ausência da presença e poderia reduzir o desconforto do analista, aumentando a qualidade analítica de seu trabalho.

Quanto à técnica, existem inúmeras peculiaridades nesse tipo de atendimento, como problemas nos computadores de ambos, queda da conexão, falha no som ou imagem, que podem causar a interrupção involuntária – temporária ou definitiva – da sessão. Ansiedade de separação mescla-se com a de desconexão, criando um novo estado mental próprio da hipermodernidade.

Os analistas com experiência em teleatendimentos afirmam que essas intercorrências são experimentadas de forma distinta pelos pacientes, dependendo do contexto de uma transferência positiva ou negativa. Comumente geram sentimentos de impotência e vulnerabilidade para ambos, paciente e analista, o que é facilitado pela maior simetria da relação. Para alguns pacientes, esses são incidentes sem maior importância, em outros reativam traumas ou transformam-se no trauma em si (Dettbarn, 2013).

A resistência manifesta-se no esquecer de ligar na hora combinada, atrasar-se, falar baixo demais, afastar-se do aparelho, aceitar outras ligações ou navegar na rede durante a sessão, além de silêncio e atrasos no pagamento. Este, obviamente, será feito por transferência bancária, o que introduz outras variáveis no tratamento. Inúmeras questões surgem: quem da dupla deve tentar retomar a conexão quando esta cai? Como fica o pagamento de uma sessão interrompida dessa forma? O paciente em teleanálise deve colocar o *notebook* atrás de si ou ao seu lado? Deve deitar-se, usar fones de ouvido? Como é, para o analista, enxergar-se, durante toda a sessão, na pequena janela que surge em sua tela? Por tratar-se de algo tão novo, a cada instante surgem novas indagações.

Um aspecto da maior importância é não existir, em absoluto, a garantia de privacidade e sigilo na *web*. Além disso, o analista também não pode garanti-los no *setting* criado pelo paciente. Scharff (2013) reduz o risco de espionagem

deliberada a situações de litígio, como um divórcio turbulento, porém parece provável que tratamentos virtuais de pacientes potencialmente chantageáveis – famosos, ricos ou em posições de poder – possam ser alvo de *crackers*. Além disso, dependendo da fase de vida do paciente ou de sua patologia, as atuações podem envolver o analista, como, por exemplo, permitir que outras pessoas assistam à consulta sem o conhecimento deste, gravação de partes da sessão e uso indevido de material editado.

Atualmente, os tratamentos à distância são realizados na impossibilidade de atendimento presencial, porém autores como Carlino (2011), Scharff (2013) & Neumann (2013) preveem um futuro no qual jovens digitalmente conectados preferirão teleanálise, mesmo vivendo em locais com possibilidade de tratamento presencial.

Como reagirão os analistas do futuro a esse tipo de demanda, considerando que eles – como seus pacientes – terão se relacionado desde bebês, também de forma virtual, com seus objetos? Talvez reajam com muita naturalidade devido ao contato precoce com a voz e imagem da mãe através de babás eletrônicas, aos encontros à distância na infância e adolescência com pais e avós e ao convívio virtual com amigos e parceiros amorosos. Outro fator que poderá incrementar os teleatendimentos no futuro relaciona-se à crescente qualidade do som e imagem dos aparatos eletrônicos, com telas 3D e projeção de imagens holográficas, tornando mais reais os contatos virtuais entre paciente e analista.

Conclusões

As mudanças exponenciais que ocorrem no mundo dito civilizado repercutem na prática psicanalista, visto que sua razão de existir – o ser humano – sofre o impacto dessas mudanças que ele mesmo provoca e realimenta. O psicanalista defronta-se com amplas e aceleradas mudanças: alterações no desenvolvimento psíquico e na vida de relação do indivíduo, novas patologias, revolução digital e suas consequências, o neomadismo do homem hipermoderno e o advento das teleterapias e teleanálises, ainda em construção e pouco estudadas.

O *setting* psicanalítico sofre o impacto de todas essas variáveis, mas sempre fez parte do próprio processo terapêutico a ameaça constante ao *setting* e a recuperação deste, sendo esse movimento dialético um promotor de mudanças. Parece inevitável e desejável que haja flexibilidade por parte dos analistas para adaptarem-se a essas variáveis, sem abrirem mão de parâmetros técnicos e éticos. O grande desafio continua sendo a manutenção do *setting* interno, responsável

pelo restabelecimento do enquadre e da escuta psicanalítica nesse novo contexto. Enquanto o *setting* estiver firmemente ancorado na mente do analista, a boa prática psicanalítica continuará viva. □

Abstract

Psychoanalytic practice, technology and hypermodernity

The author approaches hypermodernity issues, mainly the impact of new technologies on the psychic life and relationships of the individual, and the irreversible reflection of these changes on the psychoanalytical practice. She also provides information about the teletherapies and teleanalysis, modality for virtual treatment in rapid expansion, and directly related to globalization and the neomadism of the hypermodern individual. At last, she discusses whether psychoanalysis needs to adjust to the new times and the great challenge involved in this task, because the current *Zeitgeist* is very slightly syntonetic with the slow, deep, profound - and frequently painful - reflection proposals offered by the psychoanalytical practice.

Keywords: hypermodernity, psychoanalytical practice, technology, new technologies, teletherapies, teleanalysis, setting, internet.

Resumen

Práctica psicoanalítica, tecnología e hipermodernidad

La autora trata cuestiones de la hipermodernidad, con énfasis en el impacto de las nuevas tecnologías en la vida psíquica y de relación del individuo y en la irreversible repercusión de esos cambios en la práctica psicoanalítica. Trae además informaciones sobre las teleterapias y teleanálisis, modalidades de tratamiento virtual que están en rápida expansión, directamente relacionadas con la globalización y el neomadismo del individuo hipermoderno. Por fin, discute la necesidad de adaptación a los nuevos tiempos por parte del psicoanálisis y el gran desafío involucrado en esa tarea, por ser el *Zeitgeist* actual poco sintónico con la propuesta de reflexión lenta, profunda - y, a menudo, dolorosa - que la práctica psicoanalítica ofrece.

Palabras clave: hipermodernidad, práctica psicoanalítica, tecnología, nuevas tecnologías, teleterapias, teleanálisis, *setting*, internet.

Referências

- Agambem, G. (2008). *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2013.
- Augé, M. (1992). *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.
- Carlino, R. (2011). *Distance psychoanalysis: the theory and practice of using communication technology in the clinic*. London: Karnac.
- Carr, N. (2011). *The shallows: what the internet is doing to your brain*. New York: W.W. Norton & Company.
- Charles, S. (2004). O individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky. In G. Lipovetsky & S. Charles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Dettbarn, I. (2013). Skype as the uncanny third. In J. Scharff, *Psychoanalysis online* (p. 15). London: Karnac.
- Fonagy, P. (2011). Foreword. In A. Lemma & L. Caparrotta, *Psychonalysis in the technoculture Era* (pp.15-19). Cornwall: Routledge, 2014.
- Freud, S. (1919). O estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 275-314). Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- Freud, S. (1932). A questão de uma *Weltanschauung*. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 22, pp. 193-220). Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- G1 Globo News (2012, 21 de nov.). *Terapia moderna: psicólogos oferecem atendimento via Skype*. Recuperado de: <http://globo.com/globo-news/noticia/2012/11/terapia-moderna-psicologos-oferecem-atendimento-skype.html>.
- Gabbard, G. (2012). Psychoanalysis in the era of cyberspace. Interview with Glen O. Gabbard/ Interviewer: Sabrina Di Cioccio. In *Funzione Gamma: journal on line di psicologia di gruppo*. Conferência promovida pela APA e D. Winnicott Centre, Departamento of Pediatrics and Infant Neuropsychiatry de Sapienza, 17 de nov. 2012. Universidade de Roma. Recuperado de: <http://www.funzionegamma.it/psychoanalysis-in-the-era-of-cyberspace-interview-with-glen-o-gabbard/>.
- García Marquez, G. (1967). *Cem anos de solidão* (8. ed.). Rio de Janeiro: Sabiá, 1970.
- Giovannetti, M. (2012). Psicanálise em uma megalópole. *Caliban Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 10 (1): 208-21.
- Guignard, F. (2014). Psychic development in a virtual world. In A. Lemma & L. Caparrotta, *Psychoanalysis in the technoculture Era* (pp. 62-74), Cornwall: Routledge.
- Hallet, M. (2005). Neuroplasticity and rehabilitation. *Journal Rehabilitation Research and Development*, 42 (4): 17-22.
- International Telecommunication Union. (2014). ITU: United Nations specialized agency for

information and communication technologies – ICTs. Recuperado de: <http://www.itu.int/>.

- Kowacs, C. (2010, 2º semestre). Relação terapeuta-paciente na era virtual: repercussões no setting. [Conselho regional]. *Jornal da APRS*, pp. 8-9.
- Kristeva, J. (2001). *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Kubrick, S. (Diretor) (1968). *Dois mil e um: uma odisseia no espaço*. New York: MGM.
- Kudiyarova, A. (2013). Psychoanalysis using Skype. In J. S. Scharff. *Psychoanalysis online* (pp. 183-193). London: Karnac.
- Leff, J. Williams, G., Huckvale, M. A., Arbutnot, M., & Leff, A. P. (2013). Computer-assisted therapy for medication-resistant auditory hallucinations: proof-of-concept study. *Br J Psychiatry*, 202: 428-33.
- Lemma, A. & Caparrotta, L. (2014). Introduction. In *Psychoanalysis in the technoculture Era*. Cornwall: Routledge.
- Levy, P. (1995). *O que é o virtual?* São Paulo: Ed 34, 1996.
- Lipovetsky, G. & Charles, S. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Lisondo, A. B. D. (2012). *As novas tecnologias que permitem a psicanálise à distância inovam a tradição? Ou elas dificultam a compreensão das inovações teóricas e técnicas da psicanálise contemporânea?* Montevideu: Federação Psicanalítica da América Latina. Recuperado de: http://fepal.org/nuevo/images/602_Dorado%20de%20Lisondo.pdf.
- MacLuhan, M. (1964). *Understanding media: extensions of man*. New York: Gingko, 2003.
- Martin, A. C. (2013). Legal, clinical, and ethical issues in teletherapy. In J. S. Scharff. *Psychoanalysis online* (pp. 75-84). London: Karnac.
- Morin, E. (1990). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget-Revista Aprendizagem/Desenvolvimento, 1991
- Nanji, A. (2013). Seventy-five per cent of American children under eight have access to a smartphone or tablet. *Marketingprofs*. Recuperado de: <http://m.marketingprofs.com/charts/2013/12042/75-of-american-children-under-8-have-access-to-a-smartphone-or-tablet>.
- Neumann, D. (2013). The frame for psychonalysis in cyberspace. In J. S. Scharff. *Psychoanalysis online* (pp. 171-181). London: Karnac.
- Prensky, M. (2001). Digital natives digital immigrants. In *On the horizon*. MCB University Press, 9 (5). Recuperado de: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives.%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>.
- Sand, S. (2007). Future considerations: interactive identities and the interactive self. *Psychoanalytic Review*, 94: 83-97.
- Scharff, J. S. (2013). Teletherapy and teleanalysis in training psychotherapists and psychoanalysts. In *Psychoanalysis online*. London: Karnac.
- Sfoggia, A., Kowacs, C., Gastaud, M. B., Laskoski, P. B., Bassols, A. M., Severo, C. T., et al. (2014). Relação terapêutica na rede: to face or not to face? *Trends Psychiatry Psychotherapy*, 36 (1): 1-8.

- Small, G. & Vogan, G. (2008). *iBrain: surviving the technological alteration of the modern mind*. New York: Collins.
- Stadter, M. (2013). The influence of social media and the communications technology on self and relationships. In J. S. Scharff (Ed.), *Psychoanalysis online: mental health, teletherapy and training* (pp. 3-14). London: Karnac Books Ltd.
- Steiner, J. (1993). *Refúgios psíquicos*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- Tavoillot, P. H. (2009). Prefácio. In G. Lipovetsky & S. Charles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Thakkar, V. G. (2013, April 27). New York University “Diagnosing the wrong deficit” [Sunday Review]. The New York Times.
- Turkle, S. (2011). *Alone together*. USA: Basic Books.
- Uecker, E. Z. (1997). *Psychodynamic considerations of online counseling*. Recuperado de: <http://www.cmhc.com/perspective/articles/art01971.html>.
- Weiser, M. (1991). *The computer for the 21st Century*. Recuperado de: <http://wiki.daimi.au.dk/pca/files/weiser-orig.pdf>.
- White, M. (2006). *The body and the screen: theories of internet spectatorship*. London: MIT Press.
- Winnicott, D. W. (1953). Os objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 08/09/2014

Aceito em 08/10/2014

Revisão técnica de **Tula Bisol Brum**

Clarice Kowacs

Rua Pe. Chagas, 147/803

90570-080 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: clarikowa@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA